



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ser criança e ser indígena: A interculturalidade na escola pública

Karla Jeniffer Rodrigues de Mendonça

Universidade Federal da Paraíba

Karla-pessoa@hotmail.com

Palavras – chaves: criança, indígena, educação pública, identidade

INTRODUÇÃO

No contexto urbano a infância deve ser considerada multidimensional, em que dentro das relações intra e intergeracionais, contextos sociais e instituições que participa, sofre influências e também influencia, como cita Sousa (2012) “A infância é um construto cultural sendo a sua vivência determinada por diferentes fatores que sofrem alterações de lugar para lugar.”

As relações de poder impositivo que a escola nos dias de hoje ainda exerce, as perspectivas adultocêntricas e pouco dialógicas no processo de ensino e aprendizagem, podem proporcionar às crianças, de acordo com Candau (2011), um ambiente monocultural, padronizador e homogeneizador, e o rompimento desta tendência é um desafio importantíssimo a ser considerado na prática pedagógica. Educação, sociedade e cultura não se separam, no ambiente escolar estes se integram e se relacionam, e dentro desta visibilidade que este trabalho foi desenvolvido em uma turma de 1º ano do ensino fundamental em uma escola pública da periferia de João Pessoa.

As crianças na faixa etária de 5 a 7 anos, em processo de alfabetização, realizam práticas orais lúdicas cotidianamente, expressam ativamente suas leituras, vivências socioculturais e sua alteridade. E foi visibilizando uma dessas vivências e a curiosidade das crianças sobre a narrativa contada por uma criança que se identificou indígena, que se refletiu sobre a importância lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino.

Assim através de uma prática docente dialogando com a prática discente, este trabalho considerou as leituras e as expressões realizadas pelas crianças frente a apresentação contextualizada da cultura e historicidade indígena, procurando as envolver em um contexto de descobertas frente à imagens, narrativas e linguagens culturais, conhecendo e refletindo os modos de vida e a existência das diferentes culturas e sociedades presentes em torno e dentro de nossa comunidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A partir das vivências dentro e fora da sala de aula, pretendeu-se com essa prática estimular a compreensão de novos significados, refletir sobre as predefinições absorvidas pelas crianças a respeito do povo indígena, e ainda procurar explorar da melhor forma por intermédio de livros da literatura infantil, vídeos e músicas, a diversidade étnica, territórios e vivências das crianças e adultos indígenas, ressaltando as etnias presentes em nosso estado da Paraíba.

METODOLOGIA

Baseando-se nos estudos e leituras referentes a educação pública atual envolvendo as leis 10693/03 e 11.645/2008, a interculturalidade na educação e textos da antropologia da criança, este trabalho foi desenvolvido em uma escola pública de educação infantil e ensino fundamental I (1º ao 5º ano) na periferia de João Pessoa, na turma de 1º ano do ensino fundamental contando com 20 alunos, a qual atuo. Baseando-se em uma pesquisa qualitativa e de observação qualitativa, a importância desta prática foi analisada a partir de um fato ocorrido em sala de aula no início do ano de 2015, no momento em que as crianças ouviam uma música do grupo Palavra Cantada chamada Pindorama, G.¹ uma menina que na maioria das vezes se mostrava bastante tímida, se aproximou e disse: “Sabia que sou índia?” Algumas crianças que estavam ao redor expressaram estranhamento, e ela abriu um grande sorriso quando disse à ela: “Que legal, você poderia me contar mais sobre isso, gostaria de saber como é ser índia?”.

Assim para continuar as reflexões frente a esta revelação, e após muitas perguntas por parte das crianças sobre os “índios”, elaborou-se este projeto com duração de 6 semanas, que de maneira interdisciplinar foram contextualizadas atividades e diálogos em torno do tema, sem apresentá-lo de maneira formal. Alguns livros da literatura infantil foram utilizados para este trabalho: O segredo da chuva e O pequeno Pajé de Daniel Munduruku e As Fabulosas Fábulas de Iauaretê, de Kaká Werá Jecupé. As rodas de diálogos foram desenvolvidas a partir dos contos apresentados, realizando questionamentos sobre os significados e como compreendiam as informações neles contidas. Foram apresentadas imagens de livros didáticos e vídeos de crianças indígenas contando seu cotidiano em uma aldeia e um assentamento no Brasil, em que se incentivou a análise das imagens pelo grupo. Também se apresentou uma música Guarani, momento em que se observou a reação das crianças frente à língua diferente.

DISCUSSÃO E ANÁLISES DE DADOS

¹ Indico G. como a inicial da estudante que se identificou como indígena em sala de aula.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Após a identificação da estudante como “índia” realizou-se uma roda de conversa em que a mesma timidamente contou o que é, e como é ser índia: “eu vou lá com minha mãe e meu irmãos, faz festa, pinta o rosto e tem um monte de comida gostosa que a família faz, a gente canta também em roda”. Após esta fala as crianças desenharam quem são os índios e realizaram a escrita da palavra de forma espontânea em relação ao tema, pois em todas as atividades realizadas a apropriação do sistema de escrita alfabética é um trabalho contextualizado. A respeito das imagens estas se apresentaram de forma estereotipadas, e ao serem questionadas se já tinham visto os indígenas uma criança colocou: “no cartaz da creche que a tia fez”, perguntei como era e ela disse: “era uma cara pintada e tinha um negócio verde na cabeça, tipo uma folhinha”. Então questionou-se novamente: “G. disse que é índia, ela se parece com o cartaz do índio que sua tia fez na creche?” eles riram e disseram: “não né professora, G. não vive na floresta!” e assim o diálogo foi acontecendo em torno dessa imagem pré-estabelecida por conta das atividades que já tinham vivenciado na creche, e como viam a colega que se identificou como “índia”. O que se percebe a partir do imaginário das crianças nesta roda de conversa, é que G. não é como o “índio” apresentado no cartaz, porque ela não mora na floresta, e assim todos os índios que moram na floresta são daquela forma primeiramente representada.

Eles se mostraram confusos durante a conversa, como G. é índia e estuda em nossa escola? Por que ela não mora na floresta? A partir destas perguntas foram trazidos à sala, livros didáticos de história do 4º ano (o 1º ano não tem este conteúdo no livro) onde traziam imagens relacionadas à chegada dos portugueses no Brasil e os indígenas se encontravam na praia. Após serem questionados sobre o que entendiam da imagem, adaptou-se a história da chegada dos portugueses, o que aconteceu com os indígenas que já habitavam o Brasil, e o significado de Pindorama, a música já conhecida em outro momento, a partir da qual gerou toda essa conversa. Apresentou-se o vídeo clipe da música, e uma das crianças indagou: “olha professora o índio tá igual o da creche, eu não disse que era assim!” todas as outras concordaram.

A partir destes questionamentos em outro momento, apresentaram-se dois outros vídeos² em que aparecem crianças e adultos indígenas relatando seu cotidiano em um assentamento e na escola formal. Procurou-se explicar posteriormente sobre o significado de assentamento, e assim uma nova roda de conversa foi iniciada a partir do que viram, colocaram “não sabia que os índios eram assim”, relacionando ao fenótipo e as vestimentas, que podiam ir para escola como eles, e que

² Vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=uSFICzGSRDA>; <https://www.youtube.com/watch?v=Q2Rouka-ozU>



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

faziam coisas iguais a eles como ajudar os adultos em casa, “um deles disse um achei que eles eram tipo bichinhos”. A menina G. interrompeu dizendo (agora mais desinibida): “mas eu não sou como essa menina” (relacionando a menina indígena de cabelos escuros e lisos, e pele escura), “mas sou índia”, uma criança colocou: “ela é diferente né professora e é índia, eu sou negra e ela é índia”.

Em uma visita na biblioteca da escola, uma criança apontou o livro: Crianças como você (Unicef), e a turma foi incentivada a analisá-lo, e durante esta análise observou-se que as crianças com roupas e fenótipos muito diferenciados das delas, causavam risadas. Então pediu-se que as mesmas encontrassem crianças parecidas com elas, o que causou grandes dúvidas e confusões, algumas se identificaram pela cor da pele, dentre elas 3 crianças negras, mas outras 4 crianças negras folheavam o livro várias vezes e não apontavam. Assim solicitou-se que outras crianças ajudassem os colegas, e dentre estes uma criança não aceitou a imagem em que foi relacionada, contou-se a descrição destas crianças no livro, o lugar em que vivem e seus nomes, o que provocou muitos risos, olhos arregalados e estranhamentos frente as diferenças. Todos rapidamente ao visualizarem uma criança indígena no livro, disseram: “olha esta é a G.”, e G. balançou a cabeça afirmando; nesta situação observou-se que G. não afirmou ser igual a criança indígena no livro em relação ao fenótipo da mesma, mas pelo fato de as duas serem indígenas.

Durante às contações de histórias indígenas, o estranhamento veio em relação a algumas palavras como aldeia, Pajé, Tupã e Iauaretê, e as questões sagradas trazidas pelos contos. Em relação as palavras, ao serem contextualizadas, foram analisadas as imagens dos livros que anteriormente nas contações não foram visualizadas, e assim significados em relação a território, moradia e os adultos apresentados nos contos foram refletidos e relacionados com os conhecimentos e as vivências das crianças em comunidade. Foi então apresentada uma música Guarani (Ñande Reko Arandu), o que novamente causou estranhamento, mas logo observou-se que também tentavam cantar e dançar, sendo uma experiência lúdica coletiva, percebendo-se maior integração e expressão corporal da turma, pois muitas vezes algumas crianças recusavam-se a participar de atividades como esta. As questões do sagrado apresentado nos contos geraram questionamentos e inferências, os quais relacionaram às próprias vivências religiosas e familiares: Deus – Criador/Tupã; Pajé – padre, pastor, vovó (“pois cuida quando está doente”). Em relação aos animais que se apresentam como seres ativos, que falam e interagem com os seres humanos, as crianças disseram que conversam com seus animais domésticos, uma delas ressaltou: “meu vô tem um papagaio, falo com ele, mas meu cachorro não fala assim, eu não entendo o que ele fala!”, assim colocou-se às crianças que os animais e a natureza fazem parte integrada da vida dos indígenas, não



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

se separam, mas se relacionam constantemente; então uma criança lembrou de ver em um dos vídeos anteriormente apresentado, que as crianças ficavam correndo e tinha cachorro e macaquinho junto com elas. Se perguntou então a elas se as mesmas vivenciam situações parecidas com a vida das crianças indígenas, então muitos colocaram que brincavam com o animal doméstico, mas não podia correr na rua com ele porque é perigoso. Percebe-se então as diferenças entre os territórios ocupados pelas crianças, e os limites e segurança a elas imposto por conta da violência do meio urbano, bem como os limites para suas relações com os animais e outros elementos naturais.

Estas atividades experienciadas foi um grande esforço de pesquisa para tentar aproximar no contexto escolar, o contexto indígena através dos materiais didáticos e vivências lúdicas, porém estar e experienciar com aquele que vive e pertence à cultura que foi trazida de maneira pedagógica, fez toda a diferença para que muitos outros significados fossem criados e descobertos.

Assim a turma recebeu uma visita inesperada: indígenas da etnia Tabajara e Potiguar trouxeram na prática as vivências das aldeias, interagindo com as crianças algumas das expressões de suas culturas. As crianças conheceram e vivenciaram o Toré, onde as indígenas explicaram todo o contexto sagrado e o significado das palavras em relação à música “Foi Tupã”; aprenderam o nome de algumas sementes comumente encontradas na mata e na própria comunidade; fizeram pinturas corporais com jenipapo e urucum, e até mesmo artesanato, tudo mediado pelas indígenas. As indígenas perceberam e comentaram que as crianças já pareciam conhecer muitas coisas que as mesmas apresentaram, pois colocaram que geralmente há muito estranhamento e recusa em participar das atividades. Então a professora solicitou que as crianças contassem às indígenas o que sabiam, e então iniciou-se um diálogo muito interessante, uma troca de conhecimentos e diferentes maneiras de perceber os significados. O modo em que são contadas e vividas as histórias na cultura indígena Tabajara e Potiguar foi muito importante no diálogo com as crianças, refletindo com elas questões sobre o corpo como o pé no chão, a roda, e as formas como tudo pode estar em contato com o outro e com o ambiente.

CONCLUSÃO

A partir desta prática procurou-se trazer para o chão da escola a diversidade étnica, algumas linguagens, territórios, culturas e relações entre os povos, procurando combater a visão universalizada das etnias indígenas e os estereótipos muito presentes frente às diversidades do povo brasileiro, com uma visão pedagógica que reconhece a diversidade e as alteridades, para que estes sujeitos enquanto crianças se reconheçam em sua completude, não apenas como alunos a serem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

depositados conhecimentos. “Quando as crianças exercitam o assumir a perspectiva do outro, elas veem não apenas o mundo da perspectiva do outro, mas também a si mesmas como parte desse mundo: isso é o desenvolvimento de uma identidade”. GRIGOROWITSCHS (p.235, 2010)

Este trabalho trouxe, portanto, modos de diferentes de ser e estar, de aprender e ensinar, de ouvir e de se expressar, de se valorizar e se reconhecer como índio, negro, branco, ou mesmo ter dúvidas em relação à sua descendência étnica, mas conhecer esta diversidade história, social e cultural é imprescindível, desconstruindo o que décadas pejorativamente e eurocêtricamente foi imposto nos bancos escolares. Conhecer no chão da escola a cultura indígena dentro de outra perspectiva e ação, em meio à imperativa alfabetização aos 6 anos de idade, foi uma prática sustentada em uma educação integradora e socializadora, reconhecedora das alteridades presentes na escola pública, procurando-se através de todos os olhares e vozes perceber as diferenças e os conhecimentos em constante construção e reformulação, na perspectiva de que o conhecimento além de ser abstraído ele pode ser vivenciado socialmente entre os adultos e as crianças democraticamente.

REFERÊNCIAS

CANAU, V.M. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, F. A.; CANAU, V.M (orgs). Multiculturalismo- diferenças culturais e práticas pedagógicas. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GRIGOROWITSCHS, T. **Jogo, mimese e infância: o papel do jogar infantil nos processos de construção do self**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44 maio/ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000200003. Acesso em 14/05/2016.

SILVA, E. Ensino e sociodiversidades indígenas: sociabilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11645/2008. Caicó, v. 35, p. 21-37, jul-dez, 2014. Dossiê histórias indígenas. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7485>. Acesso em 2/06/2015.

SOUSA, E. **Regra de três: uma análise comparativa entre distintas experiências com a infância**. 2012. 36º encontro anual da anpocs.21 a 25 de outubro de 2012 - Águas de Lindóia – SP. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/>. Acesso em 20/05/2016